
RESENHA

REORGANIZAÇÃO INSTITUCIONAL E SUSTENTABILIDADE: A CRÔNICA DOS SOBREVIVENTES

Maria Amália Gusmão Martins¹

SALLES-FILHO, S. (Org.); ALBUQUERQUE, R.; SZMRECSÁNYI, T.; BONACELLI, M.B.; PAULINO, S.; BRUNO, M.; MELLO, D.; CORRAZZA, R.; CARVALHO, S.; CORDER, S.; FERREIRA, C.. **Ciência, tecnologia e inovação: a reorganização da pesquisa pública no Brasil**. Campinas: Editora Komedi / Brasília: Capes, 2000. 400p.

Nos anos 70 e 80, analistas mais atentos, em alguns centros acadêmicos americanos e europeus, – dentre outros, Bruno Latour, Steve Woolgar, Michel Callon e Karen Knorr-Cetina – observavam novos sinais na relação entre produção de conhecimento e sociedade. Naquela oportunidade, já analisavam os padrões vigentes e ofereciam novos modelos de análise. Tais sinais, bem como a própria postura crítica desses cientistas ao reconhecê-los, sobretudo no campo da sociologia da ciência, prenunciavam o intenso processo de mudança, hoje em curso. Sem dúvida, um reflexo direto de alterações profundas, sofridas pela sociedade no pós-guerra que resultaram na transformação do papel do Estado e na globalização dos mercados.

É interessante notar que foi somente uma década depois – e, no caso do Brasil, quase duas décadas – que algumas dessas análises e seus modelos associados chegaram aos ouvidos de uma fração mais ampla de cientistas, pesquisadores, gestores e formuladores de políticas de C&T. Essa defasagem entre o momento da previsão por parte dos acadêmicos e/ou especialistas e a posterior tomada de consciência pelos demais agentes sociais é histórica e esperada. No entanto, a velocidade e o ritmo da mudança tecnológica, bem

¹ Eng. Agrôn., Doutora em Sociologia, Técnica da Secretaria de Apoio aos Sistemas Estaduais, Embrapa/SSE, Brasília, DF. E-mail: amalia.martins@embrapa.br

como o imbricamento quase simbiótico existente entre ciência, tecnologia e inovação nos obrigam, hoje, a uma certa sintonia com esses observadores mais atentos, quando não ao próprio trabalho de prospecção de tendências dentro de nossas áreas de atuação.

Ciência, Tecnologia e Inovação: a reorganização da pesquisa pública no Brasil reflete esta tendência. A obra resulta de uma série de estudos desenvolvidos pelo Grupo de Estudos sobre a Organização da Pesquisa e da Inovação (GEOPI)², do Departamento de Política Científica e Tecnológica da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp –, junto a instituições públicas de pesquisa no último lustro da década de 90.

A coordenação do trabalho é do pesquisador Sergio Salles Filho, professor do Departamento de Política Científica e Tecnológica da Unicamp, atual responsável pela Área de Planejamento Operacional da Agência Financiadora de Projetos – Finep – e autor de inúmeros trabalhos sobre a gestão de C&T. Cabe aqui ressaltar a sua mais recente contribuição para esta área, como membro do grupo de concepção e redação de uma publicação quase homônima à que ora analisamos, conhecida como o *Livro Verde*³.

Ciência, Tecnologia e Inovação: a reorganização da pesquisa pública no Brasil apresenta-se ao leitor em duas partes articuladas. A primeira, dedicada à contextualização do fenômeno da reorganização institucional da pesquisa no mundo e no Brasil. Inclui também o referencial analítico para o estudo das trajetórias institucionais de quatro instituições públicas de pesquisa brasileiras, que ocupa a segunda parte do livro.

O contexto das múltiplas e variadas transformações recentes – políticas, sociais, institucionais, econômicas, científicas, tecnológicas e culturais – onde se dá o fenômeno de reorganização da pesquisa, sobretudo da pesquisa pública, é objeto de fartas considerações. Fartas, sim, porém concentradas e sistematizadas

² O Geopi atua desde 1994 e teve início com estudos ligados à organização da pesquisa e da inovação dos Complexos Agrícolas e Agroindustriais. A capacitação decorrente levou o Grupo a expandir sua atuação para outras áreas, tais como saúde, tecnologia industrial e pesquisa em alta tecnologia.

³ O *Livro Verde de Ciência, Tecnologia e Inovação* foi elaborado como instrumento de orientação do debate da Conferência Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação, realizada em Brasília, em setembro de 2001. (BRASIL. Ministério da Ciência e Tecnologia; Academia Brasileira de Ciências. **Ciência, tecnologia e inovação: desafio para a sociedade brasileira**. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia / Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Ciências, 2001. 278p.)

em torno dos principais fatores que alteram as relações entre os modelos de instituições públicas de pesquisa vigentes e o ambiente da inovação tecnológica, não somente no Brasil como em outros países: transformações no papel do Estado, mudanças técnico-científicas e, finalmente, novos padrões concorrenciais e globalização dos mercados. No que se refere ao item transformações no papel do Estado, há uma interessante análise crítica da Reforma do Estado brasileiro proposta em 1995, bem como suas dificuldades de implementação.

A análise de alternativas institucionais e organizacionais levantadas em mais de vinte países pela equipe Geopi permitiu a identificação de cinco dimensões comuns, capazes de abrigar as principais características que definem a busca por novos padrões organizacionais. É em função dessas cinco dimensões que serão abordadas as diversas trajetórias institucionais encontradas no estudo empírico. As dimensões propostas são: a) diversificação das fontes e mecanismos de financiamento da pesquisa; b) redefinição dos atores, seus espaços e seus papéis; c) interação e coordenação entre os atores; d) compreensão das dinâmicas setoriais e disciplinares; e) reconciliação do compromisso público e novas relações contratuais com o Estado.

As principais contribuições teórico-metodológicas do livro encontram-se na proposta de abordagem conceitual para o estudo empírico e na revisão dos conceitos básicos para a orientação de estudos sobre reorganização institucional. Como substrato para o estudo empírico foram selecionadas quatro instituições de pesquisa, vinculadas administrativamente ao Estado, e que passaram, recentemente, por processos internos de reorientação de suas atividades: a Fundação Oswaldo Cruz – Fio-Cruz, a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – Embrapa, o Instituto de Pesquisas Tecnológicas – IPT e o Laboratório Nacional de Luz Síncrotron – LNLS.

Após uma breve apresentação de cada instituição, tem-se uma descrição analítica de sua história, os distintos momentos da vida institucional, a intensificação ou abandono de linhas condutoras, entre outros pontos abordados. Cada trajetória institucional recente é apresentada por meio da análise de cinco temas: a) situação orçamentária-financeira, incluídas as políticas de administração de recursos financeiros organizacional; b) organização interna; c) composição do quadro de pessoal e política de recursos humanos; d) cooperação institucional e relações com usuários (contratos, convênios, participação dos pesquisadores em eventos, políticas de relações com usuários e políticas de divulgação de

produtos e serviços) e e) procedimentos de planejamento institucional, de avaliação (*ex ante* e *ex post*), de acompanhamento da programação e de avaliação dos resultados alcançados.

O que o livro nos traz de mais interessante é a oportunidade de constatar, pela análise de quatro processos distintos em diferentes contextos temáticos, que embora as alternativas de reorganização e as metodologias adotadas tenham sido diversas para cada caso, a tônica comum foi o esforço de compreensão dos sinais externos e a formulação de estratégias de longo prazo capazes de promover a própria sustentabilidade institucional.

Ainda assim, como bem observam os autores, a sustentabilidade dessas instituições e a sobrevivência das mesmas “está vinculada não apenas ao seu nível de excelência (embora esse seja um atributo fundamental), mas principalmente à capacidade de convencer as instâncias representativas dos Poderes Executivo e Legislativo e à sociedade em geral da necessidade de sua existência” (p. 403). Afirmam os autores: “se o futuro das instituições públicas de pesquisa não está totalmente em suas próprias mãos – porque há decisões que lhes escapam ao controle –, ele está essencialmente em suas mãos” (p. 77).

Sobretudo no que concerne à sua primeira parte, o livro deveria ser lido por aqueles que de algum modo estão vinculados a instituições públicas de pesquisa estaduais ou federais, de pequeno ou grande porte, sejam estes pesquisadores ou gestores atuantes, não importa em que área do conhecimento.

Para os leitores apenas curiosos – aqueles não tão interessados no arcabouço teórico e metodológico da pesquisa, mas sobre os fatos em si, ou seja, nos processos de mudança experimentados pelas quatro organizações escolhidas para análise – a segunda parte do livro traz informações bastante interessantes. Apresentada de forma crítica e instigante, a reunião dessas vivências institucionais é capaz de proporcionar uma leitura agradável a quem se interessa pelos aspectos institucionais e organizacionais da pesquisa científica e tecnológica, hoje ainda desconhecida e afastada do cidadão comum. Pior que isto, é ignorada pela maioria dos formuladores de políticas públicas.

É oportuno notar que, no final da década de 80, em algumas instituições de pesquisa brasileiras e no ambiente acadêmico, pequenos grupos de interessados se reuniam para discutir mais a fundo o contexto de mudanças que se apresentavam e a necessidade de um posicionamento por parte de suas entidades.

Isso nos faz lembrar os navegadores dos séculos XVI e XVII: entusiastas do próprio ofício e movidos pela necessidade de orientação num oceano sem marcos visíveis, dedicavam um pouco de seu tempo livre à leitura dos relatos de outros navegadores que, alhures, desbravavam outros mares. Foi graças às informações contidas nesses relatos que muitos puderam reorientar a rota de suas esquadras e retornar aos seus reinos.

Valendo-nos de uma alegoria, *Ciência, Tecnologia e Inovação: a reorganização da pesquisa pública no Brasil* traz o traço desses antigos relatos, ou, talvez mais propriamente, as feições de uma planta cartográfica onde estão indicadas as principais correntes, acidentes e pontos de refluxo a serem ponderados pelos condutores de embarcações (instituições de pesquisa) de pequeno ou grande porte.